

## Homenagem Tiradentes

Por Paulo Henrique Silva, do Hoje em Dia

“Se não fosse o Sindicato (dos Metalúrgicos), Lula seria um alcoólatra hoje”, dispara, sem meias palavras, o cineasta Eduardo Coutinho, um dos homenageados da 6ª Mostra de Cinema de Tiradentes, aberta sexta-feira na histórica cidade mineira. O tom franco e despreocupado de suas entrevistas serve como introdução ao seu trabalho documental, em que não se faz a mínima questão de se agarrar aos grandes movimentos da História, preferindo lançar foco sobre os anônimos, como ele mesmo define.

Este olhar à margem dos acontecimentos prevalece até mesmo num documentário sobre o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. O diretor de *Cabra Marcado para Morrer* (1984), considerado um dos melhores documentários brasileiros de todos os tempos, optou trilhar um caminho investigativo, localizando rostos anônimos que participaram da grande greve ocorrida no ABC paulista, em 1979. “Queria saber o que eles estavam fazendo hoje”, justifica Coutinho.

Para encontrar os manifestantes, o cineasta reuniu cinco documentários sobre a greve, entre eles *ABC da Greve*, de Leon Hirszman, e realizou uma edição de 40 minutos, com cenas em que prevalece apenas a massa. “Passava o material para as pessoas, que iam reconhecendo um ou outro. Às vezes, a própria pessoa estava na cena e não percebia e era a esposa que apontava. Alguns morreram de Aids, outros viraram alcoólatras. Eles bebiam muito. O filme vai ser ótimo para os Alcoólicos Anônimos”, diverte-se.

O único dirigente sindical presente no filme é Djalma de Sousa. “Tudo que é didático caiu fora. O Djalma só entrou porque há uma cena nos filmes em que, durante um show, com Chico Buarque e João Bosco, Lula o apresenta e pede para ele cantar ‘Rosa’, de Pixinguinha. E ele canta por três minutos. Gosto desta coisa mais emocional, mais visceral”, observa. Em princípio, o filme seria feito com João Moreira Salles, que registrou a campanha presidencial, mas o rico material levou ao desdobramento de dois documentários.

O filme, em fase de montagem, é o quarto documentário após o seu retorno ao cinema, em 1999, com *Santo Forte*, que foi seguido por *Babilônia 2000* e *Edifício Master*, obras que ajudaram a arregimentar a boa fase do cinema documental nacional. Com a simplicidade evidenciada já na sua maneira de vestir (a camisa social para fora da calça jeans, o par de

congas azuis e a indefectível bolsa preta sustentada pelos ombros magros), Coutinho não poupa humor a esta retomada de sua produção.

“Dizem que diretor de cinema é igual índio, só é bom quando está morto. Sua obra só seria reconhecida depois de morto. Mas não aconselho ninguém a praticar o suicídio, porque muitos grandes diretores já falecidos não ganharam reconhecimento até hoje. O melhor é trabalhar, parar e ressurgir 30 anos depois. Eu estava fadado a ser lembrado como o diretor que, fora Cabra Marcado para Morrer, não fez mais nada. Mas aí tive uma ressurreição em 1997”, relata o cineasta paulista, de 69 anos.

“Eu não tinha nada a perder. Encontrou com o (José Carlos) Avellar, presidente da Riofilme na época, durante um coquetel, e, em meio a um porre, falei que queria fazer um filme sobre pessoas e queria fazer em vídeo, porque um chassi de cinema só dura três minutos. O Avellar topou, lembrando que se poderia transferir o tape para filme. Se não fosse uma empresa pública, não teria como fazer o filme. Ele não tinha roteiro. Só tinha uma linha, que era ser um filme sobre religião no final do milênio”, lembra.

O retorno com Santo Forte foi marcado pelo descrédito, incluindo a própria equipe de filmagem. “Ninguém acreditava, nem o montador. Tinha um amigo meu que falava que o filme iria dar em nada. Viu duas horas de projeção e achou insuportável. Viu uma hora e meia, depois uma hora e vinte minutos, e continuava achando insuportável. Por fim, falou que nem com dez minutos dava. Nunca quis fazer filmes ilustrativos. Gosto das palavras sendo encorpadas, de deixar os entrevistados falarem”, afirma.

Coutinho alcança um resultado mágico, com os depoimentos tocantes contrastando à pequenez do mundo dos entrevistados. “A primeira coisa é não julgar o outro, não idealizar o outro, como o pobre é maravilhoso, que o pobre não sabe nada. Tem que se ir vazio para o encontro. Minha pesquisadora ouviu um senhor que tinha um retrato de Che Guevara na porta. Ele disse que Che estava no mesmo nível de Hitler, ambos militares. Por ela ter se surpreendido, quando fui entrevistá-lo, ele não quis falar mais”.

Eduardo Coutinho classifica as entrevistas como um jogo entre o diretor e os depoentes. “Não podemos deixar ele saber o que queremos, caso contrário ele falará justamente o que você quer ouvir. Eu deixo as pessoas em suspense para tirar aquilo o que eu quero. É preciso criar um clima, uma intimidade. Os entrevistados viram personagens, passam a se exhibir. Existe o exibicionismo bom e o mau. Você tem que saber mexer com eles para conseguir o exibicionismo bom”, destrincha.